



# DE IDAS E REGRESSOS DECLINAÇÕES DA VIAGEM

Nº30 | 6-2014

---

CADERNOS DE  
LITERATURA COMPARADA

REVISTA DO INSTITUTO DE LITERATURA COMPARADA MARGARIDA LOSA

## FICHA TÉCNICA

### TÍTULO

CADERNOS DE LITERATURA COMPARADA – 30  
DE IDAS E REGRESSOS: DECLINAÇÕES DA VIAGEM

Junho 2014

### PROPRIEDADE E EDIÇÃO

INSTITUTO DE LITERATURA COMPARADA MARGARIDA LOSA

[WWW.ILCML.COM](http://WWW.ILCML.COM)

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

VIA PANORÂMICA, S/N

4150-564 PORTO

PORTUGAL

E-MAIL: [ilc@letras.up.pt](mailto:ilc@letras.up.pt)

TEL: +351 226 077 100

### CONSELHO DE REDACÇÃO DOS CADERNOS

#### DIRECTORES

ANA PAULA COUTINHO

GONÇALO VILAS-BOAS

JOANA MATOS FRIAS

#### ORGANIZADORES DO Nº 28

ANA PAULA COUTINHO

GONÇALO VILAS-BOAS

MARIA DE FÁTIMA OUTEIRINHO

#### ASSISTENTE EDITORIAL

LURDES GONÇALVES

#### DESIGN GRÁFICO

FUSELOG

[www.fusellog.com](http://www.fusellog.com)

#### PERIODICIDADE

SEMESTRAL

#### VERSÃO ELECTRÓNICA

ISSN 2183-2242

### COLABORADORES NESTE NÚMERO

ALDA CORREIA

ALEXIS NOUSS

ANA ISABEL MONIZ

ANA PAULA COUTINHO

BENJAMIN BAKER

CARMEN MATOS ABREU

CHRISTINE MONTALBETTI

EDYTA KOCINBINSKA

EVA PICH-PONCE

GONÇALO VILAS-BOAS

ISABELLE BES HOGHTON

ISABELLE BERNARD

JOSÉ EDUARDO REIS

MARIA DE FÁTIMA OUTEIRINHO

MARIA DE FÁTIMA GIL

MARIA HERMÍNIA AMADO

MARIA DE LURDES GODINHO

MARIO MATOS

MATHILDE NEVES

PATRICIA MUNHOZ

RAQUEL S. MADANÉLO SOUZA

TERESA MARTINS DE OLIVEIRA

VÉRONIQUE PERRUCHON

© INSTITUTO DE LITERATURA COMPARADA MARGARIDA LOSA, 2014

Esta publicação é financiada por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do projecto “PEst-OE/ELT/UI0500/2013”



Instituto de  
Literatura Comparada  
**MARGARIDA LOSA**

**FCT**

Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA



Governo da República  
Portuguesa

## Da literatura de viagens no feminino – notas de leitura<sup>1</sup>

**Gonçalo Vilas-Boas**

**Maria de Fátima Outeirinho**

*Universidade do Porto – Instituto de Literatura Comparada*

**Sónia Serrano, *Mulheres Viajantes*, Lisboa, Tinta-da-China, 2014, 342 pp.**

Escrever sobre *Mulheres viajantes* é sobretudo partilhar algumas notas de leitura, reflexões resultantes da viagem no texto de Sónia Serrano. É partilhar ainda um conjunto de interesses: o interesse como leitores comuns e como investigadores em torno da literatura de viagens e da escrita de autoria feminina.

Publicada em 2014, *Mulheres Viajantes* surge como mais um contributo importante da Tinta-da-China na divulgação de uma escrita de viagens. Com efeito, são vários os textos de viagens já publicados numa linha editorial onde algumas escritoras viajantes também marcam presença: Agatha Christie, Annemarie Schwarzenbach, Jan Morris, ou Alexandra Lucas Coelho. Estes objectos de escrita e de leitura ocupam um lugar importante, pois “(...) viajar é essencialmente descobrir, descobrimo-nos a nós e o reflexo das nossas vidas nas etapas da viagem, assim como descobrimos o outro sem o conforto das referências que nos são imediatas.” (Serrano 2014: 16-17) e estes textos dão conta desses mesmos movimentos entre o eu e o outro.

Este novo título agora oferecido ao público concorre na verdade também ele para uma vulgarização do feminino na paisagem viática. Apesar de já inscritos no século XXI, a necessidade e a pertinência em tornar visível uma escrita e uma prática de deslocação protagonizada por mulheres<sup>2</sup> é ainda uma realidade, mesmo após dinâmicas de reivindicação de igualdade para as mulheres, processos de emancipação feminina ou mesmo desenvolvimentos vários na história das mulheres e no campo dos estudos feministas, com resultados mais sistemáticos e frequentes a partir da década de 90 do século XX. Não por acaso, Sónia Serrano refere a dificuldade sentida por quase todos nós em nos lembrarmos de mulheres viajantes no fio do tempo ou de, com frequência, apenas nos lembrarmos delas numa ligação a figuras masculinas e num momento posterior à evocação desses viajantes-homens. Com efeito, elas são evocadas e resgatadas tantas vezes na condição de acompanhantes de, esposas de, irmãs ou filhas de... E como observa com toda a razão Sónia Serrano, “É de facto possível fazer a história das viagens sem a[s] mencionar.” (*idem*:25)

Resultado de uma escolha pessoal, esta obra encontra-se estruturada em dois grandes momentos: uma primeira parte sobre questões e dinâmicas ligadas à viagem e à história da viagem nas suas diferentes motivações e declinações, à mulher-viajante e à escrita de viagens no feminino, detendo-se ainda nos perigos, medos, riscos, dificuldades esperados e/ou experimentados em viagem e que se prendem com a segurança, a saúde, a higiene ou a comida, mas também com a logística da viagem a realizar; e uma segunda parte em torno de diversas mulheres viajantes ocidentais. Retomando as palavras da autora, “Em suma, este livro traça o percurso das mulheres viajantes – pleno de romantismo, audácia, aventura –, mas também o da sociedade ocidental e da sua relação com outras culturas.” (*idem*: 92)

Se o ponto de partida para a realização deste trabalho foi o contacto produtivo com imagens, a saber, o trabalho fotográfico de Annemarie Schwarzenbach e que levou Sónia Serrano a deter-se em imagens mentais de deslocações no feminino e a querer dar a ver várias outras deslocações, vários são os pontos de chegada de *Mulheres viajantes*. Limitar-nos-emos a elencar alguns deles:

1. Esta obra autoriza pensar questões de género, num passado distante ou ainda próximo, questões que passam por papéis sociais definidos para a figura feminina, acantonando-a a uma esfera privada, doméstica, numa situação de passividade, quando não imobilidade, vista como objecto e não como agente.
2. Esta obra dá a ver o reconhecimento da presença cada vez mais frequente na paisagem percorrida da figura da mulher que viaja, e sobretudo em expansão ao longo do século XIX, através de uma oferta editorial que lhe é dirigida, como guias e livros de conduta para a mulher-viajante.
3. Esta obra permite-nos tomar contacto com figuras transgressoras de normas – mesmo quando tal não é por elas pretendido – que pela viagem e pela escrita rompem com uma tradição de visibilidade feita no masculino. A mulher que aqui encontramos já não é apenas olhada, ela olha também; não é mera leitora, ela escreve; mesmo se, por vezes, é ainda vista como uma escritora menor e a sua escrita conhece uma desvalorização, mesmo se as dificuldades de reconhecimento e legitimação literária são um facto. Como lembra Serrano, “Se a mulher escreve de um ponto de vista mais íntimo ou confessional, a sua narrativa será considerada trivial, não se lhe atribuirá grande importância. Mas se optar por um estilo mais aventureiro, ver-se-á confrontada com acusações de que o que conta é mentira ou, no mínimo, amplamente exagerado.” (*idem*:40)
4. Esta obra dá conta do impacto de uma escrita de viagens feita por mulheres: põe em causa uma ordem vigente, reivindica um espaço para a mulher num contexto de mobilidade, faz ouvir uma voz no feminino, tem impacto político.
5. Esta obra dá a ver a multiplicidade e pluralidade de mulheres-viajantes, escritoras-viajantes, testemunha a diversidade de uma escrita de viagens e as transformações na literatura feminina de viagens: da narrativa do que se vê, do que se observa, à viagem interior.

Numa segunda etapa, *Mulheres viajantes* coloca o leitor em contacto com dezoito viajantes escolhidas por Sónia Serrano. Trata-se como é evidente de uma escolha particular.

Qualquer um de nós, se se propusesse seleccionar entre centenas de viajantes do mundo ocidental faria uma escolha certamente diversa: alguns nomes seriam os mesmos, outros seriam diferentes. Esta é a antologia de Sónia Serrano.

Assim, esta parte do livro encontra-se dividida em seis subcapítulos: as pioneiras, as paixões orientais, no coração das trevas, à volta do mundo, as viagens interiores e contemporâneas. Cada subcapítulo tem uma pequena introdução à temática proposta. A sequência é essencialmente cronológica, facilitando a viagem do leitor e preparando incursões posteriores de quem queira continuar por outras viagens textuais.

Sónia Serrano contextualiza as suas viajantes, traça os seus percursos biográficos centrados nas deslocações, deixando as viajantes falarem em citações ao longo do texto, tendo em conta os respectivos contextos sociais, culturais e históricos, o que permite compreender melhor as estratégias das diferentes viajantes.

Começando pelas pioneiras, vemos que as suas viagens estiveram ligadas a peregrinações, tendo, portanto, itinerários e focalizações de carácter religioso – o que não impede um espírito aventureiro, muitas vezes questionando o papel tradicional da mulher. Egéria, uma mulher oriunda da região que mais tarde vai ser a Galiza, dos finais do século IV, é considerada a primeira ou uma das primeiras mulheres viajantes a relatar as suas peripécias: “Assim, pois, por vontade de Cristo nosso Deus, ajudada pelas preces dos santos que me acompanhavam e com grande esforço, porque era preciso subir a pé [ao Monte Sinai], pois não se podia de todo subir em sela.” (Egéria *apud* Serrano 2014:101)

As outras duas escolhidas são também da vizinha Espanha. Mencia de Calderón (1514-?) e sobretudo Catalina de Erauso (c. 1585?-1652), que viajou no século XVII, e escreveu *História da Freira Alferes escrita por Ela Mesma*. Uma guerreira viajante, lutadora por terras diversas da América Latina, e que se descreve do seguinte modo: “Eu, com grande golpe numa perna, matei o cacique que levava a bandeira, tirei-lha, e apertei com o meu cavalo, atropelando, matando e ferindo uma infinidade.” (Erauso *idem*:105)

O segundo subcapítulo é dedicado a “paixões orientais”. Sobretudo a partir do século XVIII, o Médio Oriente foi palco de muitas viagens de mulheres, frequentemente ligadas às actividades diplomáticas, comerciais e coloniais dos respectivos maridos. Trata-se do

encontro (ou desencontro) com uma realidade outra, uma espécie de contra-mundo, que fascinava e se receava ao mesmo tempo. As viajantes iam ‘equipadas’ dos mais diferentes estereótipos, em particular a ideia da superioridade do mundo ocidental. Este périplo começa com Lady Mary Wortley Montagu (1689-1762), uma mulher que se sabe impor contra os preconceitos, como seja a crítica que lhe é feita pelo facto de, após duas semanas em Viena, ainda não ter arranjado um amante! Nas suas muitas cartas, relata os banhos na Turquia com enorme simpatia, afirmando numa das suas cartas: “Estou certa de que a entretive com a descrição de uma visão como nunca terá sido vista e de que nenhum livro de viagens a pode informar” (Montagu *idem*: 128).

Segue-se uma secção dedicada a Lady Hester Lucy Stanhope (1776-1839), uma viajante aventureira, também inglesa, que despreza a figura típica da mulher inglesa, com toda a sua frivolidade. Uma biografia sem dúvida apaixonante, tal como o da francesa Jane Dieulafoy (1851-1916), com o seu cabelo *à la garçonne*, que esteve na Pérsia e na Turquia, entre outros lugares. Ela escreve:

Durante a minha estadia na Pérsia não deixei de resmungar contra a administração e os costumes locais, reconhecendo, ao mesmo tempo, o alto valor intelectual e sentido artístico dos iranianos [...] A partir do dia em que pus os pés na Turquia, pareceu-me ser transportada do paraíso ao inferno. (Dieulafoy *idem*: 161)

Estas viajantes põem em contraste a vida nessas zonas e o que se passa na Europa, onde prevalecem os interesses coloniais e a imposição de modelos ocidentais. O mesmo acontece com a fascinante vida da britânica Gertrude Bell (1868-1926). Uma mulher de múltiplos talentos, que percorreu muitas regiões do Médio-Oriente, esse “Oriente (...) cheio de segredos (...), e como está cheio de segredos encontra-se cheio de surpresas fascinantes.” (Bell *idem*: 166). Falando árabe e farsi, consegue contactar facilmente com árabes e persas. Nunca deixando de viajar com alguns requintes coloniais, não deixou de ser um narradora extremamente interessante, de alguém que sabe observar com toda a atenção: “Brotam-me a dúvida profunda se a aventura no fim de tudo vale a pena” (*idem*: 177). Ao serviço da diplomacia britânica, não deixa de marcar os seus textos com comentários políticos: “Estão

a fazer uma tal trapalhada no Médio Oriente, que prevejo que irá ficar muito pior do que antes da guerra (...)” (*idem*: 181).

Segue-se o texto sobre Freya Stark (1893-1993), uma ‘Poeta da viagem’, nas palavras de Lawrence Durrell. Sobre a viagem, escreve Stark:

Para viajar adequadamente temos de ignorar os contratempos externos e rendermo-nos totalmente à experiência. Temos de nos misturar com o que nos rodeia e aceitar o que venha. Desta maneira tornamo-nos parte da terra e é nesta altura que surge a recompensa. (Stark *idem*:187)

Apesar dos contratempos, nunca se deixa vencer e mostra ter capacidade para contactar o Outro, como relata, não sem ironia, num encontro com um *dervish*: “‘Todos viajamos’, comentei, ‘apesar de permanecermos em casa’. Esta contribuição filosófica foi recebida com um murmúrio de aprovação e eu fui aceite como alguém com quem uma conversa racional não era impossível”. (*idem*: 194) Além disso, sabe usar a sua posição de mulher para se aproximar das mulheres, como se depreende a partir do seguinte fragmento: “A ideia é sentar-nos lá, visitar os haréns, corrigir os boatos e mudar a atmosfera o máximo possível do ponto de vista da insignificância feminina, o que tem as suas compensações” (*idem*: 197).

No subcapítulo ‘No coração das trevas’, título que é, sem dúvida, um piscar de olho a Joseph Conrad, Sónia Serrano passa para África. Aqui, introduz-nos Mary Kingsley (1862-1900), uma das viajantes preferidas da autora, e Karen Blixen (1885-1962), com o livro *África Minha*. Este último é mais um livro de deslocação do que de viagem, sendo um magnífico encontro com a realidade africana, bem longe das vivências na Dinamarca natal. Após anos de grandes alegrias e dificuldades, registadas no livro, a narradora tem que regressar à Europa: “Não era eu que me ia embora, não tinha poder suficiente para deixar África, era o país que, lenta e gravemente, se afastava de mim, como mar na maré baixa” (Blixen *idem*: 238).

Seguem-se as biografias de viajantes à volta do mundo: a francesa Jeanne Baret (1740-1807), a austríaca Ida Pfeiffer (1797-1858) e a inglesa Isabella Bird (1831-1904), que escreve a pedido dos amigos. Este capítulo constitui um parêntesis na cronologia, pois

visita livros do século XVIII e XIX. Ida Pfeiffer escreve: “Tenho pouco engenho e careço de sentido do humor necessário para que os meus escritos sejam divertidos.” (Pfeiffer *idem*: 254) Livros pragmáticos, em estilo seco, directo, crítico, amargo, como constata a autora, politicamente incorrectos, pois critica tudo e todos, negros, chineses, europeus. Sobre a viagem Pfeiffer escreve ironicamente: “Senti-me tristemente defraudada. Todos continuávamos saudáveis, nem um único marinheiro se afogou por fadiga, o barco não ardeu e as provisões não se estragaram: continuavam a ser intragáveis.” (*idem*: 258) E Isabella Bird escreve quando está no Japão: “Sendo uma mulher viajando só e a primeira europeia a ser vista em alguns dos locais que percorri, as minhas experiências distinguem-se, em certa medida, profundamente dos viajantes precedentes.” (Bird *idem*:273)

O capítulo seguinte, “As viagens interiores”, aborda a vida e os relatos de duas viajantes suíças Isabelle Eberhardt (1877-1904), nascida em Genebra, e Annemarie Schwarzenbach (1908-1942). Eberhardt, oriunda de uma família atípica, encontra na Argélia, no Islão, no sufismo, e mais tarde no álcool e na vida boémia, o seu caminho de procura. Os seus textos nada têm de exotismo oriental, sendo um espelho de um ser atormentado. Fascinada pelas paisagens do deserto, percorre espaços magrebinos, primeiro vestida de homem, depois aceite como um deles. Aventura e experiência da dor dão um intimismo aos seus textos, de uma grande poesia: “A minha narrativa não terá nada daquilo que é habitual encontrar nas histórias árabes, nem fantasias, nem intrigas, nem aventuras. Nada a não ser miséria, caindo gota a gota” (Eberhardt *idem*: 282).

Annemarie Schwarzenbach, também ela um ser atormentado, nasce em Bocken, perto de Zurique: morfinómana, escritora, jornalista, fotógrafa, andrógina, lésbica, sempre em viagem, em fuga e à procura de algo absoluto:

Resolvi partir, não para aprender o medo, mas para verificar o conteúdo dos nomes e experimentar na minha carne a sua magia, tal como quando se sente entrar pela janela aberta a força maravilhosa do sol que há muito tempo vimos reflectir-se nas longínquas colinas e nas pradarias húmidas de orvalho. (Schwarzenbach *idem*: 284)

Vamos vê-la em diversos espaços europeus, incluindo Lisboa, no Médio Oriente, nos Estados Unidos, em África. Mulher marginal, à procura de outras margens, europeísta convicta, a sofrer com o devir da história. Nos textos ‘africanos’ vira-se para uma escrita mais intimista, parece encontrar o início de uma paz interior, ausente dos textos de épocas mais conturbadas para ela.

O último capítulo aborda três viajantes contemporâneas, escolha difícil, num tempo de mobilidade no feminino já intensa. A autora selecciona Jan Morris (1926-), Devla Murphy (1931-) e Alexandra Lucas Coelho (1967-). Jan Morris escreve para si mesma, livremente, mas não deixa de ter em conta os leitores. Ela insiste em dizer que o que escreve não é a realidade, mas a sua visão pessoal. Viajou e viaja, sendo a escrita o seu modo de vida: “Resisto à ideia de que a escrita de viagens deve ser factual. Acredito nas suas qualidades e no seu potencial como arte e literatura.” (Morris *idem*: 300) Ou ainda “Viajar é não só um modo de se passar um bom momento, mas algo que qualquer cidadão que se desse ao respeito deveria empreender, como uma dieta rica em fibras, por exemplo, ou usar um desodorizante. (*idem*: 301) O seu livro *Veneza*, também publicado na Tinta-da-China, é um livro indispensável para os amantes daquela cidade.

Devla Murphy é viajante irlandesa que percorre os continentes sobretudo de bicicleta, fazendo mesmo o longo percurso de Dublin à Índia, em seis meses. A velocidade de deslocação condiciona o modo de ver, pelo que Devla tem um contacto mais directo com as paisagens sociais e geográficas que vai atravessando, sofrendo muitas vezes essa proximidade.

Serrano fecha este périplo possível com a portuguesa Alexandra Lucas Coelho. Do Médio Oriente ao Afeganistão, do México ao Brasil, Lucas Coelho une a sua actividade de jornalista à de escritora.<sup>3</sup> Procura essencialmente as pessoas nas suas paisagens sociais, tentando perceber o Outro não com os olhos de uma ocidental, centrando-se no encontro com os locais, nas suas vidas quotidianas: “Em Kandahar, uma mulher pode morrer porque o homem que decide a vida dela não a quer levar a um médico homem, e ao pé disto uma *burqa* é uma *burqa* é uma *burqa*.” (Coelho *idem*:319)

Vemos assim que este livro apresenta sucintamente, mas de modo cativante, trajectos de mulheres com biografias extraordinárias, que partem em viagem com perguntas, que olham com perplexidade e curiosidade para o Outro, que acabam por encarar de modo diferente os seus sítios de origem.

Sónia Serrano apresenta-nos um roteiro possível, acabando por constituir um convite a mais viagens, textuais ou outras. Não é, portanto, um ponto de chegada, mas de partida, de múltiplas partidas, funcionando a obra como uma abordagem primeira a textos, a memórias de aventuras, de questionamentos, de observações.

Trata-se de um livro bem pensado, revelando sensibilidade, com momentos saborosos, criticamente apoiado,<sup>4</sup> muito estimulante, até porque deixa antever e entrever o que foi deixado inevitavelmente de fora. Trata-se ainda de uma obra com informação muito rica, não somente no que à mulher diz respeito, mas à prática da viagem num quadro alargado. Em síntese e retomando as palavras da autora, qual o propósito deste livro?

Este livro pretende apenas dar a conhecer alguns nomes (...). Foram tantas, são tantas. Mulheres que se desviaram da rota normal das suas existências e em decisões audazes mudaram o curso das suas vidas, provando que a viagem – esse domínio masculino desde os tempos mais remotos – também lhes pertencia. (Serrano 2014: 91)

## Bibliografia

Coelho, Alexandra Lucas (2009), *Caderno Afegão*, Lisboa, Tinta-da-China.

-- (2013) *Vai, Brasil*, Lisboa, Tinta-da-China.

-- (2010) *Viva o México*, Lisboa, Tinta-da-China.

Christie, Agatha (2010), *Na Síria*, trad. Margarida Periquito, Lisboa, Tinta-da-China.

Hodgson, Barbara (2002), *No Place for a Lady. Tales of Adventurous Women Travelers*, Ten Speed Press.

Bijon, Béatrice & G. Gâcon (ed.) (2009), *In-Between Two Worlds. Narratives by Female Explorers and Travellers. 1850-1945*, New York, Peter Lang.

Monicat, Bénédicte (1996), *Itinéraires de l'écriture au féminin. Voyageuses du 19<sup>e</sup> siècle*, Amsterdam-Atlanta, Éditions Rodopi.

Morató, Cristina (2005), *Viajeras, intrépidas y aventureras*, Barcelona, Random House, col. Debolsillo.

Morris, Jan (2013), *Hav*, trad. Raquel Mouta e Vasco Gato, Lisboa, Tinta-da-China.

-- (2009), *Veneza*, trad. Raquel Mouta, Lisboa, Tinta-da-China.

Schwarzenbach, Annemarie (2008), *Morte na Pérsia*, trad. Isabel Castro Silva, Lisboa, Tinta-da-China.

Serrano, Sónia (2014), *Mulheres Viajantes*, Lisboa, Tinta-da-China.

## NOTAS

---

<sup>1</sup> Estas notas de leitura decorrem de uma apresentação da obra organizada pelo Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, e a cargo de Gonçalo Vilas-Boas e Maria de Fátima Outeirinho, na presença da autora.

<sup>2</sup> Alguns dos títulos que apresentamos em bibliografia final são disso exemplo.

<sup>3</sup> Autora que muitos conhecem pelos livros publicados na Tinta-da-China e pela sua colaboração no jornal *Público*.

<sup>4</sup> Com efeito, a autora recorre, com frequência, a obras e estudos vários para os quais as notas e a bibliografia final remetem, oferecendo ao leitor indicações válidas e preciosas que permitem expandir leituras diversas.